

CRÍTICA DA MÁQUINA MÍNIMA

Airton Uchoa Neto

PRIMEIRA PARTE NÓS CONTRA NÓS

Alguém deve ter nos caluniado a todos. Pois, certa manhã, sem que tivéssemos feito nada, pelo menos nada que restasse na lembrança e na consciência, fomos todos presos. Era em nossas próprias casas, para os de nós que tinham ao menos isso, e as chaves não nos foram tomadas, sequer, mas a rigor estávamos impedidos de sair, proibidos, nos sentíamos. (19/03/2020)

Um de nós, tão ingênuo quanto corajoso, deve mesmo ter dito que não éramos culpados, e com um pouco mais de esforço pode até mesmo ter acreditado no que dizia. O certo é que em alguma ocasião incerta responderam: "Alguém precisa ser culpado". Ninguém sabe dizer quem foi nem quando nem onde, mas quase todo mundo diz que ouviu ou conhece quem ouviu, e as versões seguem desencontradas. Pode nem ter acontecido, mas todo mundo lembra, (24/03) ainda que nem todo mundo propriamente se importe. Lembrarem mesmo, apesar de passado pouco tempo, é um desses milagres raros, nem digo como ganhar na loteria, mas como ser atingido mortalmente e na cabeça pelo fragmento de um satélite ou de um foguete espacial. Um privilégio mesmo raro, raríssimo, tanto que ninguém estranharia que a família da vítima se orgulhasse do seu destino e defendesse os direitos da porção de lixo espacial sempre que alguém tocasse no assunto. (23/05)

Amanhã todos podemos morrer. Ou pode ser até hoje, sei lá. “O senhor está morto. Enterramos amanhã. Vida que segue.” Até a semana passada, a morte como horizonte de sentido, ou falta dele, era tão leve e sábia quanto toda a velha e boa filosofia de bar. A lembrança da morte, e que a morte é coisa inevitável, agora é ofensa pessoal. Mas isso ainda diz pouco. Pode ser amanhã. (22/03)

Podíamos esquecer, até semanas atrás, que o mundo, para nós, era apenas a periferia, ou até mesmo umas poucas ruas do bairro, talvez não muito mais que dez esquinas, e conhecemos dentre nós os que passam a vida apenas nisso. Agora esse canto do mundo pra nós todos se tornou a totalidade do mundo, essa fatia da periferia. E (31/03) a periferia mesma, quase acostumada à tragédia e ao sacrifício, até que ainda sorria, até pouco. As pessoas foram se afastando das ruas, de modo gradual, mas sobretudo discreto, como se saíssem tarde de uma festa e, envergonhadas, não quisessem que os outros soubessem que tinham estado lá. E a festa era a própria vida. (23/03)

Pressinto o sussurro de sombra do coro dos moralistas, e o moralista é um cantor desafinado que se formou em canto e se especializou em teoria e crítica musical: diz o sussurro que não se pode dizer, da vida, que seja festa, porque vida, o sussurro roga, sobretudo a do pobre, tem que ser sofrida, e o sofredor, sábio, é sábio porque sabe tanto da sua dor que não sabe de mais nada. Insisto: a vida é, ou foi, uma festa, uma festa improvisada, acanhada, que endividou todo mundo e incomodou o vizinho de madrugada. Até que a voz da razão mandou que todos fossem pra casa. Mas, como a razão não é gente que tenha palavra e fala, só tem um jeito de ouvir sua voz: é que só os doidos são movidos por vozes sem corpo. (24/03)

Estávamos naquele ponto confuso em que a bebedeira ainda não passou direito e a ressaca já começou. Ninguém entendia direito a bagunça e menos ainda quem é que ia arrumar aquilo tudo. Era por isso que as pessoas queriam ir embora tão discretamente. Os olhos inchados, os pés descalços, os sapatos na mão, o fim da festa. Fomos nos retirando aos poucos, calados, quase envergonhados ou mesmo culpados. Até que ficaram apenas os alcoólatras folclóricos, meio indigentes, meio mendigos. Foram acolhidos e depois abandonados por aquela festa dispendiosa. A bebida tinha acabado, e alguma coisa ficou por pagar. Os sapatos já foram tirados, porque de qualquer forma há um momento em que é sábio tirar os sapatos, sobretudo perto de as festas acabarem. Os alcoólatras, os mais cínicos, no sentido filosófico, não só tiram como também perdem seus sapatos. São quem restou depois que acabou até a bebida e ninguém tem mais dinheiro.

O dinheiro acabou. Os falsos prudentes já se retiraram; levam nas mãos sapatos que foi sábio tirar depois da festa e que é ajuizado levar embora. Restaram os alcoólatras, que de tão esperançosos não perceberam: já não há a quem pedir. E eles vagam, como quem não entende como tudo acabou. (25/03) Quem mesmo dentre os que saíram cedo entenderam ou ainda vão entender como tudo acabou? Quantos vão aceitar que definitivamente acabou? (08/04)

Isso não diz de todos. A cena é específica. Há os de nós, se ampliamos as ruas, se acumulamos mais pontos geográficos ao nosso conhecimento de mundo, se nos arriscamos a abraçar tanto mais de comunidade humana, além da praça, ou parque, além da lagoa e da alameda, (31/03) há os de nós que permaneceram, longe de metáforas, sobretudo de opções, continuaram saindo de casa, em nome do sustento. Podem não ter entendido ou podem ter duvidado do que acontecia, ou insistiram sabendo dos riscos, não havia opção verdadeira entre a fome e a doença, a não ser que a doença era um grande risco e a fome, uma certeza. Fazem parte da festa da vida: são os que servem, sem que ninguém perceba que têm rosto e nome. E que sem saber o que fazer também vão ter que voltar pra casa, mesmo que suas mãos estejam vazias. Vão saber o que esvaziou as mãos. É o bêbado que, contra tudo, ainda guarda uma esperança. É no sentido da esperança mais louca que o bêbado é o último a se retirar, (30/03) são os autônomos e os informais que têm razões além da poesia, e é em nome deles que falam em todos os idiomas os líderes do mundo e seus patrões: todo discurso que omita a existência do invisível será um discurso desumano e ímpio. Os invisíveis, que já eram assim antes da epidemia global que de novo arredondou o mundo, já antes da peste invisíveis como vírus que não podem ser vistos a olho nu por causa de sua dimensão abaixo da medição em milímetros, os invisíveis fazem parte da normalidade esférica e giratória do mundo que conhecemos no passado, e são parte da força que faz com que o dinheiro não pare. Forçar sua reclusão, como querem as celebridades, que têm tutoriais interessantíssimos sobre como driblar o tédio nos condomínios interditados do paraíso, é não apenas condenar à morte o pobre povo invisível, mas, e os empresários grandes veem isso com uma clareza de que não somos capazes, condenar a lógica do mundo, que tem sido sempre a mesma, desde que o mundo é mundo. Os negócios não se movem sozinhos. E cada dia gera seus próprios mortos. Os da ocasião era só diluir nas estatísticas de rotina, e nada precisava mudar tanto, só uma súbita elevação da curva, um pouco além do esperado. Ninguém entende isso? Se não pela necessidade dos factótuns e dos autômatos, que agora só sabem falar de falta de dinheiro e de comida, (31/03) pois não percebem que é muita falta de patriotismo que todo mundo queira se alimentar todo dia, nessa situação, uma incapacidade de autossacrifício que explica mais uma vez por que o país não vai pra frente, se não por essa monomania entediante de quem pode amanhã não ter o que comer nem onde morar, (23/05) a

ladainha insana e sem sintaxe do bêbado podia chamar mais atenção. É ele o radical livre verdadeiro de todas as crises, e que tem sempre a mesma solução pra tudo. (31/03) Simplista, admitimos, mas talvez não possamos ser muito sofisticados. Precisamos de um vocabulário simples e de um repertório sentimental, mas algo um pouco além do previsível. E a manhã flagrou os bêbados abandonados, ainda decidindo o que fazer, (08/04) alguns deles pode ser que nem tenham o que comer ou onde morar, mas, patriotas, já não reclamam disso. (23/05)

Mas até mesmo o bêbado mais bêbado tem que entender em algum momento, não é? Mesmo os que não sabem ao certo o que queriam esquecer. Precisamos entender, nós todos. Esperam que todos entendam e sejam compreensivos e obedientes. E guardem distância uns dos outros. Não se pode mais abraçar nem beijar e nem apertar as mãos. Isso pouparia meia dúzia de mentiras diárias por pessoa, pelo menos, mas a cordialidade é sorrateira. Inventaram de bater os pés uns dos outros, desde que calçados, ou os cotovelos. Depois as ordens foram mais radicais: que voltássemos pra casa. Não se vê a luz da caverna, mas lá ainda é mais seguro. A rua era promessa de vida? O que cheira bem na feira às vezes fede na panela. Restássemos em casa, sozinhos ou junto com quem lá morasse. É o único modo de evitar um inimigo cego e invisível mais revoltado e furioso, mas que ainda não sabemos o quanto pode ser mais devastador do que um espelho constante. Cumprimentar os outros, mesmo que falsamente, não faria falta por muito tempo. As paredes mesmo não vão precisar mais de ouvidos em breve. Serão tão transparentes como o vidro pra quem souber ver e mais finas do que papel pra quem souber ouvir, e vamos preferir não. Será mais útil que as paredes criem cotovelos, mas não em nome da gentileza. Vamos precisar nos bater contra alguma coisa. E vamos ignorar de propósito que as coisas, tanto as penas quanto as facas, sempre são inocentes. (26/03)

Isso é normal. Tem uma hora que não se pode condenar nem a leoa nem o tubarão. Nossos avós não entendiam isso, ou entendiam errado, e interpretavam pela via da punição. Isso é normal, e acho que é o que todos tentamos defender, mas mesmo assim acho que talvez a maioria de nós ainda nem entenda. O que também é normal. Precisamos pensar nos bêbados de ressaca que sobraram, sem entender que a festa terminou em prejuízo e não era mais viável: é provável que estejamos ou já tenhamos estado entre eles. (26/03)

É normal que, confinados, queiramos nos bater contra as paredes, mais ou menos como loucos de filme em quartos acolchoados. A diferença é que já não vamos dizer dos loucos que fazem coisas sem sentido: pode ser que só façam o inevitável, pode ser que só façam o melhor na ocasião, na pior das hipóteses a única coisa que ainda podia ser minimamente divertida. Quando já não

importa a censura de ninguém. Todo mundo mesmo que não queira está no mesmo barco (ou pelo menos na mesma tempestade, e nem todos têm barco, como disse sabiamente Helbana Uchôa). Todo mundo mesmo que não queira é igual. E não existem culpados entre os iguais. Não há mais culpados entre nós, certo? (27/03)

Nós não somos todo o mundo, a totalidade dos seus culpados. Somos apenas os moradores de uma rua, no máximo, o pedaço de um bairro, algumas esquinas para que os caminhos tenham curvas, e das ruas mesmo somos os moradores de alguns trechos, os frequentadores de um espaço público que ainda não é propriamente um parque nem uma praça, os caminhantes que dão voltas na alameda quase sempre no sentido anti-horário e a gente que vê a vida passar, fumantes, bêbados, experientes aposentados e sábios de rua. Somos os falantes de uma variante regional urbana do português do Brasil, uma parte dos viventes de um canto da periferia, às margens de uma lagoa. Somos apenas nós, e em breve vamos perceber que nunca fomos tão solitários, e talvez comecemos a gritar uns com os outros mais alto do que o normal, somos nós, apenas nós, e talvez até mais do que suficientes, nós, os excessivos. (31/03)

Como podemos explicar a necessidade de novos protocolos? Os antigos, se é que existia mesmo algo como um protocolo, a gente já não entende. Um novo talvez carecesse que alguém ensinasse. É difícil falar quando não há mais ninguém. Somos apenas nós. Somos todos nós, mas precisamos de alguém de fora que perceba com clareza porque as coisas estranhas são estranhas.

Não existe ninguém assim porque talvez nem mesmo exista lado de fora lá fora. Cada espaço interior habitável o mínimo esperam que os moradores tenham ocupado e que ocupem constantemente. Essa habitação ininterrupta, quase profissional, e esperamos mesmo que nos paguem por isso, também ameaça tornar todos os lados de dentro num mesmo lado de dentro. A humanidade, os pensadores têm dito, de longe, em geral em línguas estrangeiras, foi chamada, recebeu uma nova chance (28/03), ou uma última sentença, mas, de qualquer modo, (23/05) podemos ver o que tem dado errado, imaginar, bucólicos, que sem nós a natureza se reconstruiria, mas antes de mais nada voltar a ser irmãos que retornam ao mesmo ventre de barro, e voltamos a encontrar na própria terra o nome de uma mãe comum, (28/03) coisa que quem vaticinou a sentença final, a chance que precisavam pra vigiar e controlar as poucas dobras e orifícios que ainda não tinham vigilância e controle, deve achar pouco útil, o triste espetáculo de um tolo que insiste em

enganar a si mesmo, que se deixou mesmo iludir só porque ouviu repetidamente João 8:32, mas esqueceu Atos 16:17. (23/05)

Todos esperamos nascer. Uma multidão de crianças envelhecidas que já soubesse falar no ventre e já tivesse lembranças, mas que iria preferir esquecer e permanecer calada.

É esse o princípio de um novo protocolo, e o ideal era que um povo alienígena o redigisse: era uma ótima maneira de nos conhecer, explicando pra nós mesmos o que de nós não entendemos. Por que não? Pode ser medo, e o exemplo é justamente esse novo protocolo, que pode ser que diga.

Que é preciso ao menos ter piedade do nosso sentimento de raiva. Dizem que devemos ser bonzinhos uns com os outros, e foram bem incisivos quando disseram isso antes das instruções de nos confinarmos. Disseram que era por amor. Nem todo mundo entendeu que era pra nossa segurança: há dentre nós os que acham que estão nos enganando e os que acham que é tudo exagero. Não é. Colocar o amor como regra é que foi exagero, engano e eventualmente mentira (28/03), (ou civilizada, polida e política *inverdade*), (18/05) mas antes de mais nada falta de diplomacia. Disseram que era feio ter raiva. E o que foi que a gente fez com a coitada da raiva, que não tinha culpa de nada? Coitada: sua única sorte é que não era coisa que se pudesse agarrar com a mão nem coisa viva que se doesse ou gente, que é coisa viva que se dói e sabe de si. A gente queria era que a raiva tivesse um rosto e que fosse alguém, pois aí a raiva ia ter o que merece: a gente ia cuspir na cara da raiva e lhe dizer nomes, a gente ia bater nela e chamar todo mundo pra bater também, e de tanta revolta acho que a gente queria até morder os lábios da raiva, daí tantos dentes rangendo e tanta mandíbula humana dolorida. Sentir raiva nos disseram que era uma coisa feia, e a gente quer evitar as coisas feias. E nos confinaram, a nós, que não sabemos conviver. Também porque não deixam a gente aprender, e que melhor oportunidade? (28/03)

O ódio não precisa das urgências desastradas do amor, não precisa que se aja como se não houvesse amanhã; é o amor, que pra se manter precisa se preservar, por pudor e por logística, um pouco desconhecido de si mesmo, pra que não espantem seus potenciais de horror e de vazio, tem mesmo é que se precipitar, e entrar no palco sem ensaio e sem texto decorado: já se espera desse ator que seja um canastrão. Para o ódio, paciência; o ódio deve mesmo dispor do dia seguinte e do mês e do ano; aliás, para o verdadeiro ódio a década não basta, e é mesmo ao ódio que fazem mais sentido os votos de duração e eternidade que se declara ao amor; mas o ódio, o autêntico, o raro, carece dessa fragilidade: é tão íntimo e já se encontra tão bem aquecido que não precisa de

homenagens. É verdade que tem sido caluniado, confundido com uma raiva infantil e manipulável que se pode apontar pra qualquer lado, tanto que a princípio nem precisa ser contra alguma coisa que exista, e é mesmo melhor, estrategicamente, que a coisa odiada não exista. Odiar ministros hoje, por exemplo, seria um erro de raciocínio, não que eles não existam, ainda que não tenham ultimamente as existências mais incríveis, mas se tornaram tão abstratos que merecem mesmo uma das poucas (planejo usar apenas três) reticência que terá esse discurso... Odiar, mas sobretudo restaurar o significado das palavras importantes, e por que não a palavra ódio? Antigas tribos antropófagas, sempre meio aparentadas entre si, mantinham nesse sentido guerras eternas: nenhuma tribo cometeria o disparate de dizimar a outra, pois perderia assim o objeto do ódio e a reserva de carne, eis o exemplo e o resumo.

(Percebo: exagero, e o ódio pode ser que tenha se perdido e será para sempre um sentimento mesquinho e bem distribuído numa democracia mal compreendida. Os rituais antropófagos guardam a semelhança com o ódio que eu quis redimir, porque o inimigo capturado se convive antes do sacrifício e da refeição, é mesmo tornado meio da família e lhe permitem que deite com as mulheres. Parece aparentar com o ódio, mas supera o ódio. Tem mesmo seus relógios próprios: ao pescoço do prisioneiro uma corda com nós, e cada nó avisa do dia da cerimônia; a corda se chama muçurana, que é o mesmo que dizer cobra preta.) (21/05)

O segredo da rotina não está no primeiro dia, aprendemos, talvez nem na primeira semana ou no primeiro mês. Paciência? Diz pouco. É meio como a velhice: não começa num dia certo. A rotina, como a velhice, se instaura sem que importe a nossa vontade. É suave quando o que se instaura é de vagar que se instaura, como na história do sapo, incapaz de se aproximar de água fervente, mas que se pode matar cozido, se for a fogo brando. Estávamos cozinhando em saunas coletivas. Nossas pequenas casas tinham virado saunas coletivas. Mesmo as chuvas da temporada, que, aliás, só tornavam a situação pior, não amenizavam o calor. O que a chuva trazia era um mormaço, e a gente ficava pensando o que é que vinha flutuando naquele ar quente, feito urubus que planassem nas termas.

O segredo da rotina não está no segundo dia, aprendemos, talvez nem na segunda semana ou no segundo mês. Paciência? Não era a resposta, mas esperávamos; os jornais prometiam edições estendidas e imaginamos que era pra termos mais informações ou mais detalhes. Esperávamos, como velhos compulsoriamente aposentados que não precisassem fazer mais nada. O que os jornais

traziam era sempre a repetição do que já sabíamos, se é que sabíamos de alguma coisa. Tínhamos que aprender a lavar as mãos, como crianças, se bem que muitos de nós acabaram descobrindo que não sabiam lavar as mãos exatamente como se deve. O mesmo tutorial se repetia todos os dias. Como se faz com crianças, ouvimos todos os dias as mesmas instruções e as mesmas ordens, mas os jornais ainda eram mais ou menos úteis. Descobríamos que a morte do pai do prefeito pela doença era um boato, e que era um boato também que o governador, pressionado pelas associações de comerciantes, ia suspender a quarentena mesmo com a subida já quase vertical da curva estatística. E além disso não se aprendia muita coisa. Os de nós que gostavam de sofrer ou de acusar a imprensa de mentir em tudo ainda gastavam todo o seu tempo com os detalhes exaustivos das mesmas informações. A única coisa que mudava substancialmente eram os números.

O segredo da rotina não está no terceiro dia, tivemos que aprender, se aprendemos alguma coisa, nem na terceira semana e no terceiro mês. A paciência, a ciência de esperar pelo que vem, e pelo que não vem também, como diria o finado poeta, não é uma virtude, é uma capacidade que se adquire, como um truque que um cachorro repete em troca de biscoitos ou a custo de pancada ou a lição que mesmo sem entender a criança reproduz perfeitamente. Esperávamos as notícias no rádio e na televisão; os mais jovens tinham fontes mais modernas e sabiam tudo antes; sabiam até mais do que tudo. São impetuosos e não conseguem esperar (ninguém segura a juventude do Brasil). De qualquer modo a verdade sobre os fatos da rua já não depende do que podemos ver que acontece na rua, assim como não somos nós mesmos que decidimos as nossas vidas, tivemos que aprender, ou aceitar, aprendendo ou não. É melhor pra todos nós, e importante demais pra que nós mesmos decidamos. É para o nosso bem, temos que aceitar, e os mais prudentes, calejados, pois é um pouco isso a paciência, um calo trabalhado pelo tempo, os mais prudentes de nós aceitam; também dizem que é incondicionalmente por amor, e as grandes empresas substituíram os comerciais comuns e corriqueiros pelas propagandas institucionais: querem deixar claro que mesmo a distância sempre nos amaram. (29/03)

O segredo da rotina não está no quinto dia nem na quinta semana. Talvez esteja no quinto mês, mas depois de cinco meses ainda é possível que aconteça alguma coisa? Pode ser que já não seja possível aprender, porque nunca foi mesmo possível. E o verdadeiro segredo dos mestres nunca foi ensinar: só souberam escolher os discípulos corretos, os que sempre souberam, e deixaram os demais esperando, mesmo que não dominassem a arte da espera e mesmo sendo incapazes. É isso: estão condenados a esperar os que não sabem esperar; a espera termina quando aprenderem; estão, porém, condenados a nunca aprender, e como não aprendem a esperar vão ter que esperar

pra sempre. Nós lembramos coletivamente alguma teoria ou alguma narrativa da espera? Há o amante chinês do poema que esperou embaixo da ponte, e era o amor que ele esperava, e parece que desistiu na véspera, ou esperou foi sentado na porta mas também desistiu da véspera: ele aprendeu a esperar, logo, independente do amor, já podia ir embora: pois merece em excesso os subornos que já sabe recusar. Mas se estivesse esperando em nome do ódio e o objetivo fosse a vingança? Era um guerreiro japonês, e executara a vingança contra todos os inimigos, mas não tinha paz, e isso era visível. “Todos os seus inimigos você já matou”, diziam. “E eu ainda odeio”, respondia.

O segredo da rotina não está no oitavo dia nem na oitava semana. Pode ser que se encontre no oitavo mês, se você conseguir fazer a mesma coisa durante duzentos e quarenta dias sem perceber o próprio progresso. Porque já nem era o progresso que se desejava. Qual a profundidade de um calo desenvolvido em tantos dias? O calo, valor, por exemplo, de alguém que resolvesse odiar um inimigo que não pudesse ser derrotado, que talvez nem se pudesse alcançar? O ódio sempre teria o que trabalhar. Que se pense o calo como unidade de medida da espera. Era a fila, numa discussão sobre o que seria o inferno: uma fila interminável para os castigos durante a qual os condenados sofrem imaginando os castigos que nunca vão alcançar. (01/05) Meninos, eu vi: o ódio mesmo, do jeito do amor mesmo, pode ser uma coisa desengonçada e pouco vistosa, sem graça mesmo, tanto quanto um pássaro de pouca cor, desses que mendigam e roubam, feito o filhote do pardal e o do pombo. A vingança, feito a união carnal dos amantes, pode ser uma coisa pequena, humilhada, que era melhor nem ter sido, que nem sempre a intenção salva, aliás, não salva é quase nunca. Como é que se vinga o ódio ou se satisfaz o amor? Quem é que tem esse talento de verdade? Já é difícil porque a pessoa precisa de uma linguagem, e isso é muito, isso já é demais, é excesso, é luxo: se não cuidar vira desperdício. Acontece os presidentes não terem linguagem, e junto deles os ministros, o que não é tão grave porque presidentes e ministros são coisa que passa. Uma vingança é uma coisa mais complexa, assim como o amor, mas os dois pode ser que se viva de um modo acanhado, e os descendentes vão ter mais o que esconder do que o que contar, e essa não é a intenção, o que também importa pouco porque é difícil que a intenção salve. (03/05)

O segredo da rotina não chega depois do décimo terceiro dia, feito uma encomenda que se espera dos correios ou uma parcela a ser depositada na conta bancária, nem mesmo no décimo terceiro mês, quando já foi superado o ano (mas nisso se encontra talvez um princípio, desde que as potências cabalísticas dos números sejam ignorada e esquecidas, e que se diga treze como se diria doze ou catorze). O ano já foi superado assim como os dedos das mãos: não é mais uma contagem de crianças, e não adianta inventar mais dedos fazendo marcas de giz nas paredes, e enchendo as

paredes de dedos imobilizados, cada dedo de giz representando um dia de clausura. O prisioneiro espera o dia da fuga ou da soltura. A criança pode ser que conte por contar, mas deve poder abandonar antes de dormir as moedas sem valor com que brincava (me lembra bem: eu era criança bem pequena e o dinheiro se tornava fácil coisa sem valor na década de 1980, pra virar brinquedo era bem fácil, e eu contava tão precariamente que com menos de vinte moedas chegava ao milhão: errado na matemática mas correto no princípio de desvalorização). A rotina, reticente, não guarda sua lógica e estrutura na inflação nem no acúmulo. A existência dos outros dias é quase uma certeza, mas ainda não é isso... e agora mesmo queimei a segunda reticência.

O segredo da rotina não está no vigésimo primeiro dia, que já passou duas vezes, se não foram três, nem no vigésimo primeiro mês, que somado a mais três meses completaria dois anos, como o aniversário de alguma coisa que, se fosse viva, ainda seria jovem, pensando do ponto de vista se grandes vertebrados e de nobres vegetais. É certo que é um tempo em que pode amadurecer o ódio em novos protocolos que operem sua remissão, mas o ódio redimido, o ódio que se espera dos adultos, nunca precisou de calendários, esse é o ponto, e sua lógica não é a da rotina. A rotina não acumula, só gasta, não ensina, ou ensina lentamente que aprender não é possível. A rotina não está no vigésimo primeiro dia, nem talvez no décimo segundo ano.

Dissemos sete vezes onde a rotina não está e tudo que ela não oferece. Esperaram de nós que cumpríssemos uma outra promessa e outro contrato? Meu único compromisso agora, digo por mim, é poupar a última reticência do discurso. (19/05)

Às 19h23, horário de Brasília, o número total de contaminados no planeta era de mais de 714 mil. (29/03)

17h. Horário de Brasília. Mais ou menos dez minutos atrás o número oficial de contaminados bateu o milhão. É impossível saber o número verdadeiro de contaminados. É uma potencialidade tão invisível quanto a do próprio vírus. Segundo dados que vazaram, mas que não podemos saber ao certo se são um fato ou um boato, há três pacientes positivamente diagnosticados no bairro, mais três num bairro vizinho e outros dois em outro. A espera não aponta uma data e um momento exato, mas já se torna algo palpável. Já não é mais, talvez, a espera coletiva de todos nós. Cada um agora, independente de quem tenha perdido ou não, espera; é saber se seremos chamados; é saber quando. A fila, que tanto define nossa vida social brasileira, ganha uma nova materialidade. Ninguém pega a mão de ninguém: a verdade social do mundo. É de antes da peste. Nunca fomos

nós nem ninguém mais; não importa a língua e a geografia; o contrário é ilusão desesperada e publicidade improvisada às pressas; o contrário é um discurso pré-moldado de gabinete a ser pronunciado por homens se gravata e mulheres de tailleur. A comunidade humana será um agregado de sobreviventes e uma multidão estatística de mortos. Nossa desconfiança diz: os que disserem isso já sabiam antes. Concretizados, os números são imbatíveis mas além disso ainda cavam um rastro subterrâneo. Cada um de nós é apenas um, e esse número não conta. (02/04)
Deveria contar; isso era o certo. Mas estamos preocupados demais com o destino do dinheiro. (03/04)

(...)

8h28. Mais de cinco milhões de contaminados oficiais mundo afora. O Brasil chega oficialmente perto dos trezentos mil e a impressão é a de que, depois que se alcançar essa marca, bater o limite seguinte também não vai demorar muito. Os mortos mesmo já são quase vinte mil. Claro que há o preconceito dos números redondos, mas isso poupa um pouco o esforço de memorizar os dados. Em compensação, os números mesmos parecem pouco confiáveis, não contam todos, pois não há eficiência burocrática pra isso. (21/05) A subnotificação sempre foi nossa condição social. (03/04)

2h18. Os tiros devem ser na outra margem da lagoa. Só os cachorros se incomodaram de verdade. Nonada. Os cachorros mesmo é estranho que se assustem. As dívidas de honra e as disputas por território não podiam ficar paradas por muito tempo, e não faria mesmo sentido que um sujeito que enfrenta tiroteios tivesse medo de febre, coriza e falta de ar, quando ainda há tanto inimigo visível. Nada pessoal: é simplesmente dinheiro, nonada, não carece explicação: os tiros eram apenas os homens, rotina, resolvendo seus negócios. Os cachorros, precipitados, se assustam à toa, e o presidente, quem diria, parece que tem razão: os negócios não podem mesmo parar. Depois se vai ver se deu mortos. (31/03)

O que é que verdadeiramente sabemos, o que aprendemos coletivamente, além de lavar as mãos, se é que aprendemos ao menos isso, das mesmas variantes da mesma língua portuguesa, que fazem que sejamos engraçados na televisão (um dia pode ser que percebam que podemos ser mais do que engraçados; pode até ser que nós mesmos percebamos isso; vai ser um dia glorioso), o que

sabemos, o que aprendemos além dos mesmos nomes de políticos e alguma coisa de política internacional, o nome de um vírus, uma tipologia de vírus, uma cidade chinesa, alguns remédios, o que mais? Aprendemos que grandes empresas se importam conosco? Que somos mortais e é preciso esquecer isso de vez em quando? Que todo o nosso exercício diário era um pouco esquecer, mas de repente tudo ficou parado, e só era possível lembrar, foi isso que aprendemos, é isso que sabemos agora, coletivamente? Cada um só pode ficar com seu próprio fracasso; só pode ter fracassado quem já tentou fazer alguma coisa. Não é o melhor pensamento para um período indefinido de isolamento social, que o governador deve prorrogar (quase escrevo a palavra com o *r* triplicado), e os dois estão cientificamente corretos, e não é mesmo impossível que o isolamento evolua rumo a uma quarentena radical: as pessoas não aprenderam a permanecer em casa, já não conseguem, e isso pode ser que explique os tiros mais do que uma vaga logística de guerra: as pessoas estão sob pressão por mais tempo do que poderiam suportar, o que leva a um ponto positivo: podemos ter mesmo descoberto muito sobre nossos curtos limites e uma limitada solidariedade comunitária. Que sociólogo espetaria isso de nós? Mas aprendemos o bastante para poder escrever o tutorial do quanto nos revoltamos individualmente e de como funciona o nosso ódio? Apenas porque aprendemos alguma coisa; é preciso que saibam que aprendemos; mesmo que ninguém mais aprenda. O prefeito e o governador não vão se interessar por isso; precisam que as pessoas sejam tolerantes e aí nada tenham paciência; isso não aprendemos e não sabemos aprender. Já nos atribuíram uma semente ruim; ninguém estranharia se fosse isso. Não se fala mais do assunto; mas os mais velhos devem falar. E no passado todo mundo era tão acostumado com os miasmas da semente ruim que era até pacífico: a ruindade existia, mas ficava quieta. Quando foi que acordou? Era impossível que ficasse dormindo durante tanto tempo e agora com tanto barulho.

Não. É injusta a acusação de feiura e de ruindade mesmo que o o grande animal coletivo padeça de ruindade e de feiura; a culpa não é sua mesmo que seja. Aliás, nossa, pobres de nós, e aceitamos, sim, a culpa: vamos pagar a dívida, depois de acordar do pesadelo, ou depois que o sonho construir nossa máquina vingativa; mas só conseguimos sonhar que passamos a noite tentando dormir (o pesadelo eterno dos planejadores). A máquina de vingança já tem seus operadores; eles esperam; uma raça oculta e anônima que gerou a pestilência precisa ser podada: os incestuosos secretos, os lambedores e os cheiradores do que não pode ser lambido nem cheirado. Um monstro santificado precisa sair com mandados judiciais cortar línguas e narizes, mãos e genitais. Nós odiamos, e precisamos ser representados: uma era histórica corrompeu a saúde, e agora só um mecanismo santificado e moralista, uma máquina de dentes vingativa, pode tornar as coisas mais

uma vez seguras. Um maravilhoso mundo castrado, de olhos vazados e lágrimas secas, um mundo sem urina e sem fezes, um mundo de óvulos e espermatozoides civilizados e pontuais. Algo que conhecemos de nós, um ódio pacificador que esperou décadas pra retornar, que imaginaram de farda e condecorado, mas, enfim, nem tudo é perfeito a não ser a perfeição divina da máquina. Já reparou como a máquina vingativa se parece com seu pai? Tem o gene de todos nós; é fruto de uma masturbação coletiva. (02/05)

Um assassino ritualístico. Matou a esposa e sua filhas. Se escondeu num terreno em reformas, com um instrumento que improvisou em arma pra cometer os seus crimes. Escreveu o que fez nas colunas que sustentavam a reforma. Diz, por escrito, que teve pena de uma das filhas, que pedia pra não morrer, mas ele não conseguia parar. (02/05)

A cidade mais perigosa do Brasil mais uma vez, a segunda só esse ano. Ou somos, compungidos, os que mais e melhor confessam seus pecados, até mesmo os invisíveis. (10/04)
Tchecov: "A que lugar perdido nos trouxe o destino. E o mais desagradável é que teremos que morrer aqui." (s. d.)

"Não me diga pra ser forte. Não me diga pra ter fé. Não me diga que tudo vai ficar bem. Que a vida vai vencer isso era fato; a vida e a morte nunca disputaram. Por que se preocupar comigo? O máximo que vai me acontecer é que eu me mate, e podem até mesmo dizer que era uma tendência genética, uma herança. O que vai acontecer é que quem me conheceu vai falar de mim por mais tempo, vão dizer: o que se matou, e talvez com raiva porque vai ter sido quando todo mundo se lembrou de viver. A gente só se lembra da comida quando tem fome. Só dá valor à mulher depois que ela vai embora. A vida sempre esteve aí e todo mundo reclamava. O que é que nós queremos afinal? O que é que você quer de mim, amigo? Não se preocupe com isso; você supera; eu não vou ser o seu primeiro nem o seu último suicida; eu nem disse que sem dúvida nenhuma ia me matar: é uma possibilidade tanto pra mim quanto pra você. Eu não duvidava que se matasse o presidente. Ou o papa. A vida nunca foi um valor infinito. Quem disse isso foi um homem rico. E quando ele diz isso você fica com raiva, mas se ele diz diferente você diz que homem é mentiroso. Se um poeta dissesse?

A vida não tem valor infinito. A gente pode acusar o homem rico que disse isso se ele acredita no que disse e acredita que está certo porque é assim mesmo. E vamos dizer que o sujeito é desumano, que não é um de nós. Mas é se for só a verdade? É uma verdade mais da natureza do dinheiro do que da natureza das coisas, mas quem é que faz a verdade das coisas? Só me diz. Você ficou triste em casa e pensava que era bom se desse pra ir aonde nada disso estivesse acontecendo, mas aí lembrava que esse lugar não existe no mundo. E você acha mesmo que esse lugar existia antes? Não se preocupe comigo. Pode ser que essa vontade de viver da carne seja mesmo miseravelmente forte. Vão dizer que o que eu não posso é me acovardar, e olha isso: pode até ser que eu não me mate preocupado com a opinião dos outros. Se preocupe não. Porque se se preocupar vai ficar pensando a cada momento, será que vai ser hoje? E o pior é que você vai me ligar, e eu nem sempre vou atender, mesmo que esteja vivo. Mas o pior mesmo é que se você se preocupar e passar a pensar a cada momento se vai ser esse o momento, isso vai durar quanto? Os dias? As semanas? Nos meses eu nem acredito. Nem posso culpar ninguém. O problema de você se preocupar é que não vai poder se preocupar sempre. Eu não preciso de uma epidemia. Essa maturação é outra. Pode ser que ocorra numa distração do seu cuidado comigo. Um velho traficante de sintéticos me disse: não existe suicídio, o caso é sempre de eutanásia. Disseram que a gente devia virar nós e que isso nos salvava. Nem digo que não, mas a que preço? Quer ter raiva de mim por que eu digo isso? Quer chorar, porque precisa acreditar, porque precisa valer a pena? Você sabe do que eu estou falando: não querem que eu me mate um pouco pra que eu viva mesmo, mas mais pra que minha morte não torne ainda mais frágil a ideia de humanidade que venderam num pacote e todo mundo comprou. Nós? Até o mais comunista de nós é liberal demais pra viver isso de verdade, até o fim, sem nenhum minuto de enjoo. A inteligência emocional não vai resolver o luto de todos; juntar as mãos em forma de coração tampouco. O meu problema não é que eu ache que o mundo mesmo morreu, mas saber que o mundo continua vivo. Faz o seguinte. (28/03) Aproveita que amanhã ou depois de amanhã você vai ter que esquecer o presidente, quando ele virar a notícia de ontem, aproveita e me esquece também.” (23/05)

O que aconteceu com as pobres crianças com câncer desde que todos nós nos tornamos crianças com câncer numa enfermaria imensa esperando resgatar a humanidade de alguém? (s. d.) A verdade é que não merecemos esses mesmos presentes, os presentes das criança que tem câncer, eventualmente últimos presentes, das pobres criança a quem exigíamos que mantivessem a fé,

porque sua descrença tornava o mundo imperdoável, e ainda precisamos do mundo pra viver nele. Ainda não merecemos nós mesmos esse perdão; não digo que sejamos especialmente terríveis e cruéis; a média da nossa maldade é mesmo bem mesquinha, somando e dividindo todos; mas já diz muito: era mais ou menos fácil ser melhor, e nos acomodamos, uma solidão que não depende de um metro e pouco de distância já se instaurava em cada um de... nós? Não posso mesmo fazer economia de reticências; nem posso insistir na primeira pessoa do plural. O mesmo problema agride a todos; terão disso uma lembrança bem precisa e cada um a sua própria versão; o provável é que nem queiram falar sobre o assunto nem amanhã nem dez anos depois; não vão precisar que gente como eu lhes lembre do passado com palavras escritas. Uma solidariedade institucional terá que persistir, e os que sentirem a dor da comunidade pode ser que sofram mais do que a mesma comunidade. O que vão silenciar talvez serão os que concluírem o que acabei por concluir, e era inevitável. É preciso desconfiar de cada um que queria falar por todos. E é mesmo ruim, uma verdade mesquinha e medíocre, algo tão pequeno quanto o vírus espinhoso e gorduroso que tornou tudo claro, mas que não inventou nada, que cada um pode falar apenas por si mesmo.

O célebre personagem de Dostoievski, ressentido, rancoroso, recalcado, que mora num subsolo e pensa a partir do subsolo, constrói um discurso de acidez através do qual deseja ser visto: talvez sinta que seu rosto será visto depois que o ácido corroer as barreiras e tudo que ele queira seja participar de uma comunidade humana que no fim talvez ninguém consiga identificar: a verdadeira liberdade pode fazer que se deseje o grilhão, ele diz em palavras terrivelmente melhores. Um estranho editor surge em itálico para encerrar a narrativa: diz que o homem do subterrâneo continuou o seu resmungo. Em algum momento pode ter percebido e dito consigo mesmo: só posso falar por mim mesmo, e se revoltou ainda mais, porque isso não pode ser o bastante, e se revoltou o dobro e o triplo quando viu que talvez não se possa ir além disso. (19/05)